



tá, mas e o relacionamento interpessoal, Sr. SARS-CoV2? a escola não é só conteúdo!

¹ Tassio A., ² Paula C.L.A.

¹ universidade estadual de campinas

² universidade de são paulo

* e-mail de contato principal: tassioacosta@gmail.com

resumo

o presente trabalho busca analisar o momento de pandemia atrelado a educação a distância para além do processo educativo em si e como ele impacta diretamente no cotidiano das crianças a partir da ausência do contato físico e do relacionamento interpessoal. O olhar deste trabalho está centrado dentro da nossa própria casa, onde as crianças, uma de 11 anos e outro de 6 anos, também estão vivenciando esta nova realidade. Fez-se uso da metodologia de análise dos discursos, a partir das acepções do filósofo francês Michel Foucault, para compreender os atravessamentos subjetivos vivenciados na situação atual. Conclui-se a existência de um esforço por meio da instituição escolar e dos professores em promover uma prática pedagógica possível, mas que concomitantemente há uma significativa perda formativo-relacional gerando uma instabilidade entre a saudade da escola e dos amigos e a manutenção da crítica ao excesso de conteúdos passados, tanto à época do ensino presencial como no contexto pandêmico atual.

palavras-chave: educação a distância, ead, coronavirus, covid-19, quarentena.

como citar este artigo

Acosta, T., & Almeida, P. C. L. (2021). Tá, mas e o relacionamento interpessoal, Sr. SARS-CoV2? A escola não é só conteúdo! *Revista Interdisciplinar em Estudos de Linguagem*, 3(1), 41-47, doi <https://doi.org/10.29327/224874.3.1-5>

mas Tassio e mamãe, vocês não tão entendendo, tem que ver o que a prô falou!

Brasil, São Paulo – SP,

12 de abril de 2020.

O novo coronavírus chegou, a pandemia se instalou e o presidente a desqualificou. Como desenhar todo esse cenário para duas crianças de 6 e 11 anos? Será que ambas terão condições de compreender todas as mudanças abruptas e que em momento algum foram construídas a partir de um longo processo de transição, de produção de subjetividades? E como faremos com a questão educacional? Os amiguinhos, a Prô, as diferenças existentes numa sala de aula? Essas dúvidas se fizeram presentes ao longo dos dias iniciais da notícia de que o novo coronavírus havia chegado no Brasil, levando-nos a conversar sobre como trabalharíamos tais especificidades para com as crianças. Pois bem, trabalhamos.

Primeiramente decidimos como abordaríamos a questão das mudanças comportamentais em nossos cotidianos, como o uso da máscara, as centenas de lavadas de mãos e o costume de ter o álcool em gel sempre por perto. Feito isso, explicamos que não apenas a questão da higiene passaria por uma abrupta mudança, mas também a escola vivenciaria uma outra: as férias foram adiadas – e fizeram festa, obviamente.

Entretanto, aquilo que compreendiam enquanto férias (brincar na área comum do prédio onde moramos) com outros amigos dos outros apartamentos não se concretizaria. Em poucos dias não havia mais crianças brincando na área comum do condomínio e ordens proibitivas foram espalhadas pelo prédio, assim como circulares enviados ao nosso e-mail.

Este novo cenário as impactou de forma significativa, levando-nos a comprar jogos de tabuleiros, cubo mágico, carteados, dentre outras atividades lúdicas para mantermos algum nível de normalidade e com diminuto impacto em suas saúdes mentais. E nossas também.

Esperamos mais duas semanas, após a oficialização da quarentena, para retomarmos a conversa sobre a escola e explicamos que as aulas não retornariam presencialmente tão cedo¹ e seria necessário nos dedicarmos à uma adequação para uma nova metodologia: a educação a distância (EAD). Tanto eles como nós dividiríamos a experiência da EAD no ensino básico conjuntamente.

Grosso modo, esta nova abordagem não trouxe muita novidade para a mais velha, uma vez que já se reunia todas as tardes com as amiguinhas por meio de seus WhatsApps para realizarem as lições de casa conjuntamente e já muito acostumada com a utilização de mídias sociais, como o TikTok². Para o mais novo, de 6 anos, o processo vem sendo bastante interessante: adaptou-se à rotina, as professoras fazem videoaulas ao vivo, diariamente, disponibilizam no Google Classroom e está sendo alfabetizado por ali, na medida do possível e dada as circunstâncias, obviamente.

O material utilizado pelas professoras já estava disponível nas apostilas dos alunos e elas faziam o compartilhamento de tela para mostrar a execução das atividades para os alunos. Uma das professoras do mais novo, de 6 anos, desenvolveu uma série de metodologias específicas para a boa execução das atividades. Por exemplo, chamava-os nominalmente, pedindo para lerem determinadas palavras e identificar outras ao longo das atividades – a sua dificuldade maior evidencia-se na ‘luta’ por manter a atenção dos alunos perante a tela do computador já que muitos usavam cadeiras giratórias e pareciam verdadeiros pião do baú da casa própria, do SBT, girando sem parar. Já os professores da mais velha, de 11 anos, têm maiores facilidades para o desenvolvimento de suas atividades em virtude de os alunos já terem domínio tecnológico e grupos no whatsapp.

Mas nem tudo são flores e, justamente por isso, optamos aqui em iniciar todas as seções com o adjunto adverbial de adversidade. O fato de nossas formações dialogarem, em maior e menor grau, com a questão educacional brasileira nos privilegia

¹ Nós dois havíamos conversado apenas entre nós e familiares que acreditávamos que as aulas não voltariam presencialmente ao longo de todo o ano de 2020, apenas no ano seguinte, em 2021 com alguma vacina produzida e comercializada em larga escala.

² E sim, como todos os pais, sofremos com as dancinhas gravadas à exaustão diariamente para publicar no aplicativo.

em compreendê-la para além da questão conteudista, mas a preocupação das crianças está centrada nisso: lição, lição e lição, e inicialmente os professores também centravam-nas nisso e passavam cada vez mais, gerando estafa e necessidade de readequação por parte deles. Conforme já pontuado, tudo era muito novo, para todos.

Percebemos que a própria escola não se mostrou preparada para esta nova metodologia e desqualifica o fazer educação: mantém uma intensa e extensa produção de conteúdos com lições e não promove mais a interação dos alunos. O relacionamento interpessoal entre eles, algo tão (ou mais) importante que a questão conteudística – e olha que ferramenta para isso existe por meio dos aplicativos de videoconferência – deixou de permear as explicações, mas se manteve a todo vapor nos grupos de WhatsApp, longe da fiscalização institucional.

Como forma de diminuir os impactos emocionais nas crianças em isolamento estrito, criamos o Dia do Corona, não enquanto forma de celebrar a pandemia que vitimou centenas de milhares no mundo e no Brasil, mas enquanto uma possibilidade de mostrar para as crianças que estávamos unidos e produzindo sentidos outros para o momento pandêmico, sobretudo porque o esgotamento emocional decorrente do enclausuramento num apertado apartamento já se fazia perceptível ao longo da quarentena. Neste dia, desenvolvíamos atividades que o mais novo, de 6 anos, chamou de Dia da Bagunçeira, ou seja, dormíamos todos na sala, com o colchão de casal no chão e a mais velha, de 11 anos, no sofá. Nesse dia em específico e repetido todas as semanas ao longo da quarentena, nós assistíamos filmes/desenhos, fazíamos a comida que eles pediam e jogávamos os jogos que queriam, ou seja no que tange às crianças, as comidas pedidas eram x-burgue, cachorro quente, bolo, brigadeiro e tudo o que podemos imaginar que crianças costumam gostar e nós, adultos e responsáveis por elas, evitamos ao máximo ao longo das semanas. Ou seja, toneladas de açúcares em forma de refeição.

Não temos dúvida de que o nosso privilégio formativo¹ e social são

preponderantes nesse novo momento em que vivemos: as crianças têm uma forte rede de apoio domiciliar e familiar e acesso aos subsídios necessários para o momento, a escola é privada, localizada na região de São Paulo, e com significativo investimento nos aplicativos Google, assim como provemos de internet e roteador no apartamento, smartphones, tablete e computadores, possibilitando-as cursarem as disciplinas escolares sem problemas de conexão ou indisponibilidade de equipamentos. Mas e quem não tem? O estado não produz apenas vida, em perspectiva foucaultiana de biopoder (Foucault, 2010), também produz a morte a partir da aceção de necropolítica de Achille Mbembe (2016). Logo, nem todos vivenciarão este momento tal qual nós estamos vivendo.

O Brasil é plural e atravessado por históricas desigualdades sociais que cada vez mais se explicitam aos nossos olhos, sobretudo quando nos deparamos com diversas famílias sem acesso ao computador, sem internet ou dividindo o único smartphone entre todos os filhos para realizarem suas atividades.

mas mamãe, e o Miguel? e a Gi?

O esgotamento das crianças começa a se fazer presente – e estamos ainda no dia 14 de maio.

A mais velha não fica mais nos grupos de WhatsApp como antes. Reclama que não consegue mais conversar com as amigas e que não param de brigar, seja no grupo ou fora dele. Aquele grupinho com o qual ela desenvolvia as lições todas as tardes se esfacelou. Ninguém aguenta mais fazer lição e estudar mediados por tecnologias.

O mais novo não compreende o porquê dos excessos de lições e reclama da saudade que tem do Miguel e da Nhasmin (Yasmin, grafa-se corretamente). Sente saudade de brincar de pega-pega, jogar bola e de ter a Prô por perto – a grande salvadora por ter tirado seu dentinho de leite quando estava mole e que nos proibiu de tirar outros pois, de acordo com ele mesmo, ‘a Prô tem a mão muito leve, não senti nada. Só ela que vai tirar agora!’. O vínculo que desenvolveu para com a professora e seus colegas de sala

¹ Tassio é docente universitário e doutorando em educação na Universidade Estadual de Campinas. Paula é dentista e doutora em farmacologia pela Universidade de São Paulo.

foi interrompido abruptamente. Subjetividade marcada.

Ambos já perceberam aquilo que nós, educadores, vimos falando há tempos: a escola não é um lugar apenas de alfabetização e construção do conhecimento, também é um locus para produção de afeto, de relacionamento interpessoal, de lidar com a diferença – entretanto, estando em casa e longe das instituições escolares, as crianças não vivenciam mais aquele regime disciplinar violento para produzir corpos dóceis com as cadeiras alinhadas, os sinais de troca de aula e o sistema regrado de controle sobre os corpos, convenhamos.

Muito nos deixou felizes as crianças terem percebido que a escola é muito além do que o conteúdo escolar, percebendo-a enquanto um local de construção de sociabilidades e de lidar com o outro, com o diferente, de promoção da empatia do respeito ao próximo. Ao mesmo tempo, elas também criticam veementemente a quantidade de lições, de atividades, de tarefas. Ou seja, elas já ressignificaram os seus olhares e entendimentos perante o fazer escola e nós não sabemos o quanto isso as subjetivará, em suas concepções e compreensões. O próprio entendimento futuro sobre a escola também se modificará com estas vivências plurais e com o fim da pandemia, sabe-se lá quando. Agora, qual será este futuro entendimento não há como crivar.

Conversando com ambos sobre estas mudanças e ausências, afirmaram que a escola perdeu o sentido para elas a partir do momento em que não puderam ter mais contato com os seus amigos. A escola, portanto, ainda é um excelente lugar para a promoção e construção das urgentes mudanças sociais, pautadas em perspectivas de respeito aos direitos humanos, ao diferente.

Não obstante, esta perda de sentido tem potência suficiente para gerar novas

formas do fazer escola, uma vez que os próprios professores estão vivenciando uma mudança de olhar perante as suas práticas docentes. Estamos, então, frente a um novo paradigma educacional?

Será que a ausência de Miguel e de Gi promoverá nas crianças uma nova compreensão sobre a escola, um novo entendimento sobre a importância da amizade, uma nova forma de se relacionarem? As crianças aqui de casa já entenderam que aquilo que eles entendiam enquanto escola, enquanto, amizade, mudou. Não haverá mais a escola de antes a mesma maneira que não haverá mais a mesma forma de amizade de outrora. Será, então, que estas mudanças serão capazes de mudar a forma como nos relacionamos e construímos vínculos sociais privilegiando o respeito e a solidariedade?

Na França¹, uma escola de educação infantil desenhou um círculo com giz onde cada criança pode brincar na área externa, sem contato físico entre elas. Desenharam vários círculos, um para cada criança. Em Wuhan, epicentro inicial do coronavírus, as crianças tiveram que conviver com as suas cadeiras isoladas por placas de acrílico² e com uma espécie de chapéu helicóptero³. Enquanto isso, no Brasil, não há um efetivo debate sobre como e quando será o volta às aulas. Insinuam retorno em setembro, duvidamos. Opomo-nos!

Para responder estas perguntas com o aprofundamento necessário, há de se retomar à história, analisar se houve algo semelhante ao longo dela, tanto a nível nacional como internacional, e buscar entender, num exercício elástico, como que a escola se portará a partir de agora e como os alunos se portarão futuramente. Logo, esse exercício de futurologia é demasiadamente complexo e arriscado, para não afirmar ser impossível. Entretanto, ainda assim podemos crer que o novo coronavírus proporcionará algumas mudanças em nosso cotidiano. Dentre elas,

¹ Crianças são separadas por quadros de giz em volta às aulas na França. Recuperado em 19 jun. 2020 de <http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2020/05/13/franca-criancas-sao-separadas-por-quadrados-de-giz-em-volta-as-aulas.htm>

² Wuhan dá alta a todos os pacientes de Covid-19, e alunos do ensino médio voltam às aulas em Pequim. Recuperado em 19 jun. 2020 de <https://oglobo.globo.com/mundo/wuhan-da-alta-todos-os-pacientes-de-covid-19-alunos-do-ensino-medio-voltam-as-aulas-em-pequim-24395996>

³ Escola chinesa adota 'chapéu helicóptero' para manter distância entre alunos. Recuperado em 19 jun. 2020 de <https://istoe.com.br/escola-chinesa-adota-chapeu-helicoptero-para-manter-distancia-entre-alunos/>

citamos aqui duas que gostaríamos que se façam presente neste estudo de caso (ou seria estudo de casa?): i) valorização da ciência e ii) mudança de comportamento para com o outro.

Com relação ao primeiro item, a valorização da ciência, e a partir do posicionamento negacionista do presidente Jair Bolsonaro, não há dúvidas de que cada vez mais necessitaremos nos ancorar no saber científico para as tomadas de decisões, sobretudo em políticas públicas. Ao mesmo tempo, também não podemos nos esquecer que, muitos dos prefeitos e governadores que hoje afirmam tomar decisões 'valorizando a ciências, os doutores e seus secretários da saúde' promoveram sistemáticos ataques ao saber científico se opondo às discussões de gêneros e sexualidades em sala de aula, utilizando de terminologia propositadamente falaciosa (Acosta, 2016, 2018) de ideologia de gênero com o objetivo de propagar a desinformação em nome de uma conquista eleitoral. Privilegiaram a produção de mentiras em detrimento das ciências humanas. Hoje negam seus passados.

Já com relação ao segundo item, mudança de comportamento para com o outro, o distanciamento social imposto, em nome de uma valorização da vida, modificará a forma como nos relacionaremos, principalmente porque o medo da morte se fez presente em nossa subjetividade neste período – e o medo da morte, daqueles já subjetivados à ela, como os que vivenciam a violência do estado, o genocídio da juventude negra, os atentados contra a vida motivados por LGBTfobias se tornou ainda maior – aumentando a nossa preocupação com a vida do outro, sobretudo daqueles que não tinham direitos de terem as vidas vividas, conforme cunhado por Judith Butler.

Entretanto, em nossa leitura, o cenário pós-pandêmico estará centrado num individualismo ainda maior, num perceptível medo do outro, do estrangeiro, do desconhecido e muito poderá influenciar na forma como nos relacionamos, cada vez mais isolados em bolhas sociais.

Não obstante, felizmente começamos a perceber um aumento da oposição ao homeschooling por adultos que estão com as crianças em casa, outrora tão presente e valorizado na campanha eleitoral de 2018 e

estimado pela ministra Damares e pelo ex-ministro Abraham Weintraub.

mas eu não sou pedagoga!!!

As nossas atuações profissionais não entraram em quarentena com a questão da pandemia e tivemos que, mesmo a contragosto por motivos de segurança, recorrer à rede de apoio familiar: a salvadora vovó. Contragosto não por ela, que é simplesmente formidável enquanto avó, mas porque os riscos envolvidos nessa necessidade, por ser pertencente ao grupo de risco e por aumentar o distanciamento das crianças conosco, não nos foi bem visto. Entretanto, inevitável.

Enquanto a mais velha faz as atividades sozinha e consegue dar conta de realizá-las, seja com a ajuda de algum amiguinho, por meio do WhatsApp, seja por meio de pesquisas em sites da internet – diariamente ela agradece a existência do brainly –, o mais novo está no processo de alfabetização. Ou seja, há de se ter um acompanhamento individualizado, atento e trabalhoso. Ele, no alto de seus 6 anos de idade, está aprendendo a escrever pato, mesa, amigo e, infelizmente, em nenhum momento Paulo Freire se faz presente no processo de alfabetização política, a partir de uma conversa-debate entre a professora e os alunos. O ensino tradicional ainda se faz presente em muitos bancos escolares do ensino básico brasileiro, infelizmente, e este momento histórico parece não se fazer presente na relação ensino-aprendizagem, já que não é debatido em nenhuma das turmas.

Durante o período inicial da quarentena e ambos ainda aqui em casa com as suas férias adiantadas para este período, a mais velha ajudou no processo de alfabetização do mais novo, utilizando a metodologia freireana de palavras geradoras. Entretanto, com o adiantar do tempo, a falta de previsão de término da quarentena, e nossas profissões continuando normalmente não pudemos mais acompanhar este processo educacional e ele foi deixado de lado pelas crianças, compreensível.

Com a necessidade de continuarmos a trabalhar e evitando colocar as crianças em risco, uma vez que a Paula trabalha no período da manhã em uma Unidade Básica de Saúde, e logo no início da quarentena o Tássio teve contato com pessoas que vieram

de países com amplo contágio, foi necessário entrarmos em isolamento e deixá-las com a avó. Com as aulas ocorrendo pelo google e youtube/vimeo, um grande complicador se fez presente e se mostrou a partir da fala da avó das crianças: não sou pedagoga!

Como podemos falar sobre alfabetização de uma criança de 6 anos sem o acompanhamento da Prô? Sem os colegas ao redor para ajudarem? Sem os jogos educativos? Se muitos de nós pedagogistas já somos veementemente contrários a organização espacial da sala de aula, com todos sentados enfileirados, olhando a nuca do colega da frente, como devemos lidar com crianças sentadas em frente aos celulares assistindo videoaula da Prô?

Em informe escolar, houve uma intensa recomendação para 'manterem o padrão da escola, com horário de aula fixos, com todos sentados à mesa do computador, sozinhos, todos em silêncio ouvindo a videoaula da Professora'. Perdem as crianças, perdem os professores, sofrem os adultos que estão com as crianças e sangra a educação. Indubitavelmente, o fazer escola teve uma mudança significativa de paradigma com o coronavírus e mais uma vez é hora de resistirmos ao tradicionalismo sem nos vendermos às fórmulas mágicas e rápidas de um ensino 2.0, ou qualquer que seja o nome que venham a dar.

Tal qual o clipe musical *another brick in the wall*, da banda Pink Floyd, talvez seja a hora das crianças colocarem fogo na escola, metaforicamente falando, e produzir mudanças significativas, tanto estruturais quanto subjetivas.

Permitirão às crianças a produção de escolas outras?

a valorização da ciência x fakenews

Quando uma doença desconhecida nos atinge, é normal a sensação de medo e impotência. Nesses momentos, é possível notar uma valorização e uma urgência na divulgação de dados científicos. Porém, é necessária muita cautela, pois há um trâmite que deve ser seguido pelos cientistas de forma a respeitar os preceitos de ética e biossegurança.

Um exemplo importante é a cloroquina, medicamento utilizado no tratamento da artrite reumatoide juvenil, lúpus

eritematoso e malária (Al Bari, 2015). Este medicamento foi amplamente divulgado como o tratamento milagroso para a Covid-19, apesar de não haver nenhum estudo científico que embasasse tal afirmação. A pressão política foi tamanha, que a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), se viu obrigada a emitir a Resolução nº351/2020 incluindo a medicação em sua lista C1, de forma que ela só poderia ser adquirida através de receita de controle especial, em duas vias.

É importante ressaltar que a cloroquina possui uma janela terapêutica estreita, ou seja, o limiar entre dose terapêutica e dose tóxica é mínimo, além de possuir efeitos colaterais consideráveis, como retinopatia (Costedoat-Chalumeau, 2015) e danos cardiovasculares (Chatre, 2018), o que torna a automedicação extremamente perigosa.

Obviamente todos nós queremos o fim desta distopia, mas isso só será possível através de estudos científicos bem embasados, na busca de um tratamento eficaz e de vacinas, valorizando as ciências e não o achismo.

mas calma, há luz no fim do túnel

Ao mesmo tempo em que nós, educadores, estamos nos adaptando a esta nova realidade e buscando ressignificar o processo de ensino-aprendizagem, as crianças também estão ressignificando aquilo que elas compreendiam enquanto a arte do aprender. Este eterno devir do aprender a aprender, conforme historicamente cunhado por P. Freire, torna-se imprescindivelmente importante num momento como o atual.

Como fazer deste momento uma forma de gerarmos as mudanças educacionais que há tempos reivindicamos?

As potências presentes neste mundo pandêmico e as mudanças abruptas que todos nós estamos vivendo, independente de nossas idades e profissões, têm condições suficientes para produzir ressignificações diversas e entendimentos outros? Indubitavelmente, a escola, a família, a amizade, o trabalho, nada disso será como antes. O novo coronavírus se tornou um marcador histórico do tempo presente e produzirá formas outras de nos atentarmos ao nosso redor.

Olharemos para a história e a dividiremos em mais um tempo histórico, tais quais outros: nascimento de Cristo, queda do Império Romano e de Constantinopla, Revolução Francesa, crise de 29, queda do muro de Berlim e, agora, pandemia do novo coronavírus. Portanto, todo marcador histórico produz novos olhares, produz novos entendimentos, produz subjetividades.

Neste sentido, será a escola capaz de olhar para si e se reinventar? Ou o neoliberalismo se fará presente com a propagação do individualismo por meio do homeschooling? Estes questionamentos são, obviamente, impossíveis de serem respondidos no momento, mas são de grande importância para que nós olhemos para o momento atual e possamos pensar formas outras de viver. Produzir estéticas outras de vida.

Agora, se haverá um maior controle dos corpos, por meio de governamentalidade democrática (Gallo, 2012, 2015), ou se haverá uma potencialização às emancipações individuais e coletivas, isso ainda não podemos prever com muita certeza. Mas, se olharmos ao longo da história, será que os corpos escaparão, conforme já pontuado pela historiadora e feminista Guacira Lopes Louro?

Não sei, mas há de resistirmos!

Brasil, São Paulo – SP,

6 de agosto de 2020.

referências

- Acosta, T. (2016). *Morrer para nascer travesti: performatividades, escolaridades e a pedagogia da intolerância*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, São Paulo, Brasil.
- Acosta, T. (2016). Gêneros e sexualidades na escola em tempos de conservadorismo censor policialesco. In I. Dickmann [Org.]. *Rumos da Educação*, São Paulo: Dialogar, 211-227.
- Al-Bari, A. A. (2015). Chloroquine analogues in drug discovery: new directions of uses, mechanisms of actions and toxic manifestations from malaria to multifarious diseases. *J Antimicrob Chemother.* 70 (6), 1608-21.

Butler, J. (2015). *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Ed. Civilizações Brasileiras.

Chatre, C., Roubille F., Vernhet, H., Jorgensen C., & Pers, Y. M. (2018). Cardiac complications attributed to Chloroquine and hydroxychloroquine: a systematic review of the literature. *Drug Saf.*, 41(10), 919-931.

Costedoat-Chalumeau, N., Dunogué B., Leroux G., Morel N., Jallouli M., Le Guern V., Piette J.C., Brézin A.P., Melles R.B., & Marmor M.F. (2015). A critical review of the effects of hydroxychloroquine and chloroquine on the Eye. *Clin Rev Allergy Immunol.* 49(3), 317-26.

Foucault, M. (2010). *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Editora Martins Fontes.

Gallo, S. (2012). Governamentalidade democrática e ensino de filosofia no Brasil contemporâneo. *Cadernos de Pesquisa* (Fundação Carlos Chagas), 42, 48 - 64.

Gallo, S. (2015). "O pequeno cidadão": sobre a condução da infância em uma governamentalidade democrática. In H. Resende (Org.). *Michel Foucault: o governo da infância*. Belo Horizonte: Autêntica, 329-343.

Mbembe, A. (2016). Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. *Arte & Ensaios*, 32.

Anvisa. *Resolução nº 351/2020*. Recuperado em 15 mai. 2020 de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/portaria/Resolucao%20n%C2%BA%20351-ANVISA.htm

recebido em 01/10/2020

aceito em 14/11/2020